

Jean-Jacques Bompard

LIVREIROS DO NOVO MUNDO
DE BRIANÇON AO RIO DE JANEIRO

Prefácio

Lucia Maria Bastos Pereira das Neves

Tradução

Leila V. B. Gouvêa

EDITORIA
UNICAMP

edusp


editora
unesp

SUMÁRIO

PREFÁCIO: AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS.....	11
APRESENTAÇÃO: DA LEMBRANÇA DAS ORIGENS AOS CAMINHOS INTERROMPIDOS DA MEMÓRIA	17
1. FAMÍLIAS CUJO PASSADO SE CONFUNDE COM O DA COMUNIDADE DE LA SALLE	21
<i>Em busca de uma ascendência</i>	24
<i>Uma vida de labor em uma terra ingrata</i>	26
<i>O lugar reservado à instrução</i>	29
<i>Da mascatagem aos ofícios do comércio</i>	30
2. OS PRECURSORES DO MONÊTIER DE BRIANÇON (HOJE, MONÊTIER-LES-BAINS)	35
<i>A comunidade dos livreiros briançonnais em Portugal, 1750</i>	39
<i>O terremoto de 1º de novembro de 1755</i>	40
<i>Um novo começo</i>	43
3. DO VILAREJO DE BEZ A LISBOA	47
<i>Uma tradição de solidariedade e uma mesma ambição</i>	48
<i>Joseph-Augustin Borel</i>	48
<i>Jean-François Borel</i>	52
<i>Paul Martin: O início de uma aventura familiar</i>	56
<i>O ofício de livreiro e a censura no final do século XVIII</i>	59

4. NOVAS PERSPECTIVAS NO RIO DE JANEIRO	
ANTES DA CHEGADA DE DOM JOÃO VI.....	65
<i>Famílias estreitam seus laços</i>	68
<i>Os comerciantes de livros interessam-se pelo Brasil</i>	69
<i>Outra atividade do livreiro Paul Martin</i>	70
<i>Paul Martin abre uma livraria no Rio de Janeiro</i>	71
<i>A invasão de Portugal e a partida da Corte para o Brasil</i>	76
5. A LIVRARIA, A EDIÇÃO E A IMPRENSA NO BRASIL E	
EM PORTUGAL SOB A REGÊNCIA DE DOM JOÃO	81
<i>O início em um Brasil em formação</i>	81
<i>A Impressão Régia</i>	86
<i>A Gazeta do Rio de Janeiro e a nova posição de Paulo Martin (filho)</i>	87
<i>A nova sociedade do Rio de Janeiro</i>	90
<i>A situação dos livreiros no Rio de Janeiro e em Lisboa</i>	98
<i>A Gazeta do Rio de Janeiro, reflexo da época e da atividade dos livreiros</i>	100
<i>Paulo Martin e a venda de gravuras</i>	103
<i>1809-1813: O mercado do livro evolui</i>	104
<i>Paulo Martin, o primeiro livreiro-editor</i>	106
<i>Vendas inéditas por catálogo</i>	108
<i>A nova situação familiar dos livreiros Martin</i>	110
<i>A situação no final da regência de dom João: 1813-1816</i>	111
6. EM BRIANÇON, DO FIM DO ANTIGO REGIME À	
PARTIDA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD	119
<i>Em um período agitado, as vicissitudes de um mandato público</i>	121
<i>Jean-Baptiste Bompard, de Briançon a Lisboa: 1797-1816</i>	125
7. 1816-1818: NO BRASIL, ENTRE EVOLUÇÃO E INCERTEZAS	131
<i>A Missão Artística Francesa</i>	132
<i>Banco do Brasil: A subscrição dos comerciantes da cidade</i>	139
<i>O livreiro Paulo Martin, acionista do Banco do Brasil</i>	140
<i>A Revolução de Pernambuco e os apoiadores de dom João VI</i>	143
<i>Pernambuco e um projeto abortado de fuga de Napoleão</i>	145
<i>A missão científica de Freycinet</i>	147
<i>O livreiro Paulo Martin investe em seguros</i>	148

8. JEAN-BAPTISTE BOMPARD: DE LISBOA AO RIO DE JANEIRO	151
9. A EDIÇÃO, O LIVRO E O BRASIL A CAMINHO	
DA INDEPENDÊNCIA (1819-1822)	159
<i>A Revolução Liberal do Porto de 1820 e os acontecimentos posteriores</i>	164
<i>A edição, a imprensa e a atividade do livreiro Paulo Martin em 1821 e 1822</i>	168
10. DE PAULO MARTIN A JEAN-BAPTISTE BOMPARD, 1822-1824	177
11. A LIVRARIA DE JEAN-BAPTISTE BOMPARD (1824-1827)	183
<i>O retrato de Jean-Baptiste Bompard por Henrique José da Silva</i>	187
<i>As atividades do livreiro Jean-Baptiste Bompard (1824-1827)</i>	189
<i>A lista de livros dos irmãos Martin em 1825</i>	190
<i>O catálogo da livraria de Jean-Baptiste Bompard (1825)</i>	192
<i>A medicina curativa e purgativa de Le Roy</i>	198
<i>As etiquetas da livraria de Jean-Baptiste Bompard</i>	200
<i>Uma imprensa febril</i>	201
<i>1826-1827: Os dois últimos anos de atividade do livreiro Jean-Baptiste Bompard</i> ...	204
12. O RETORNO À FRANÇA DO LIVREIRO JEAN-BAPTISTE BOMPARD	207
13. UMA SEGUNDA VIDA BASTANTE LONGA: 1829-1890	215
<i>Um gabinete literário</i>	216
<i>O antigo livreiro se instala na Grande Rue, 41, em Briançon</i>	217
<i>Rememorações do Brasil</i>	218
<i>A propriedade de "La Vachère"</i>	220
<i>Os livreiros de Nápoles: Balthazard Borel e Charles Bompard</i>	222
<i>A municipalidade, as festividades de 1º de junho de 1857 e a</i>	
<i>Medalha de Santa Helena</i>	223
<i>Jean-Baptiste Bompard e o mel briançonnais</i>	226
<i>Um último olhar sobre o século</i>	226
EPÍLOGO	229
BIBLIOGRAFIA E FONTES DOCUMENTAIS	231
ANEXOS	237

Prefácio

AVENTURA NO MUNDO DOS LIVREIROS...

Na caixa postal do meu computador, o nome “Bompard” trazia uma vaga lembrança. Ao abrir a mensagem, um texto em português, algo duro, explicava: um artigo, disponível na internet, que eu escrevera sobre livreiros franceses no Rio de Janeiro de inícios do século XIX, continha menção a um antepassado do remetente – o autor desse instigante e importante livro, agora traduzido para o português, que tenho a alegria de prefaciar. E não era tudo. Anexas, vinham reproduções de um selo de livraria da década de 1820 e do retrato a óleo do antigo livreiro Jean-Baptiste Bompard – pintado por Henrique José da Silva (1772-1834) –, o primeiro diretor da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Correspondência vai, correspondência vem; pesquisas aqui e ali; consulta a fichas guardadas há algum tempo. As peças começaram a se encaixar.

Esse primeiro contato com o atual senhor Bompard ocorreu em maio de 2008, época, no Brasil, das comemorações pelos 200 anos da chegada da família real. Fato fundamental para aqueles que estudam a história dos livros e dos livreiros, pois abriu o território para o comércio internacional, atraiu negociantes estrangeiros e viabilizou a introdução da imprensa. Assim se consolidaram e se multiplicaram os mercadores que se especializaram no ramo dos livros, como foram João Roberto Bourgeois e Paulo Martin, ambos também personagens deste livro.

Da troca de correspondência e documentos, foi-se revelando a história do outro Bompard, o livreiro do início do século XIX, um daqueles casos, raros na história, de indivíduos quase desconhecidos, mas com enorme potencial para esclarecer aspectos da época em que viveram. Natural de Briançon, no departamento dos Altos Alpes, no sudeste da França, Jean-Baptiste Bompard nasceu em 1797 e, 20 anos depois, trocou as montanhas natais por Lisboa, onde atuava um tio. Em 1818, seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de colaborar com o primo Paulo Martin. Quando este falece, em 1824, torna-se o mais importante livreiro da cidade, depois de ter se estabelecido na rua dos Pescadores (atual rua Visconde de Inhaúma), número 49.

Muitos desses dados somente surgiram a partir de mensagens trocadas e das conversas travadas com Jean-Jacques Bompard, que vim a conhecer pessoalmente em 2010, numa dessas experiências da vida de que nunca mais se esquece. Aproveitando uma viagem com meu marido, também historiador, para participar de colóquio em Lisboa, ampliamos o percurso até Lyon. Ao desembarcar, encontramos um antigo executivo, apaixonado pelo esqui (tema sobre o qual publicou uma enciclopédia em 2005), mas que reunia igualmente, com zelo e paixão, as memórias da família. De carro, conduziu-nos a Grenoble, onde reside, e, durante quase três dias, mostrou-se um cicerone fascinante não só da comunidade de “nossos livreiros” – sobre os quais, não sendo historiador de ofício, realizou um trabalho de pesquisa espantosamente bem cuidado e detalhado –, mas ainda dos arredores da cidade, de onde tinham partido aqueles homens do passado que nos cativaram.

Primeiro, em casa do senhor e da senhora Bompard, examinei de perto o magnífico retrato de Jean-Baptiste, pintado em 1825, cuja autoria foi autenticada pelo Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro. Enquanto eu o olhava, o descendente daquele que foi representado ainda jovem, de calça branca e casaco marrom, sentado um pouco de través numa cadeira simples, segurando um livro, que mantém marcado com o indicador esquerdo, aproximou-se. De uma caixa de papelão, retirou então dois objetos: um anel e uma curiosa joia, com duas pedras, uma vermelha, outra azul, presas a uma corrente de ouro. O primeiro, seu antepassado usava na mão direita, na pintura; o segundo, trazia à cintura, como uma espécie de fecho. Apesar da longa experiência de pesquisa, subitamente, como por efeito de uma *madeleine* proustiana, o passado se materializava para mim no presente, como nunca havia ocorrido.

Nessa primeira manhã, pude ver não só um exemplar de *Telêmaco*, os cinco volumes da obra do abade Raynal, como também um selo da livraria carioca, mas ainda tapeçarias feitas por Jean-Baptiste, uma das ocupações a que se dedicou ao voltar para Briançon. Numa delas, ao centro, lembrança decerto do Brasil, figurava uma onça. Ao mesmo tempo, acompanhei, atônita, a abertura de numerosas pastas com documentos sobre a família, pacientemente recolhidos e classificados: certidões de batismo, casamento e óbito; cartões de visita de comerciantes do final do século XVIII, inícios do XIX, e outros. No final, após mostrar o planejamento minucioso para o dia posterior, à maneira de um eficiente executivo, os comentários do senhor Bompard sobre aquele conjunto inestimável de informações tornavam o ambiente, as relações familiares e a trajetória de seu antepassado mais claras e concretas. Eu estava longe de imaginar o que ainda estava por vir.

Após a nevasca de uma noite de final de inverno, na manhã seguinte o céu amanheceu limpo, de um azul muito profundo. Saímos bem cedo de Grenoble em direção a Briançon. A estrada, já desimpedida, logo começou a serpentear, subindo a montanha, as encostas cobertas de neve muito branca. Pelo caminho, pequenas aldeias, algumas transformadas hoje em estações de esqui pela indústria do turismo no século XX: La Grave, Le Monétier-les-Bains, Le Bez, La Salle-les-Alpes. Casas simples, com aposentos inferiores para abrigar os animais no inverno, de telhados que, apesar de íngremes, suportavam grossas placas de gelo. Forno comunitário para fazer pão. Pequenas igrejas antiquíssimas, cuja chave busca-se na morada vizinha – frias e austeras como há 200 anos. Por fim, quase na fronteira com a Itália, Briançon, fortaleza remodelada por Vauban a serviço de Luís XIV.

Nesse período, de um lado, a geografia tornava a região militarmente estratégica e também ponto de passagem obrigatório para os mascates que uniam a Itália, a França e a Suíça; de outro, a procura de condições mais favoráveis afastava daquele ambiente inóspito qualquer excedente populacional. Foi o caso da família Bompard, ali estabelecida desde o século XIII; como também daquelas outras, cujos sobrenomes encontram-se em qualquer estudo do comércio livreiro ao redor de 1800, entre os quais Borel, Martin, Reycend, Bertrand, Rolland, Aillaud. Seus membros emigraram e se fixaram em Nápoles, Turim, Paris e Lisboa; e chegaram, como visto, até o Rio de Janeiro! Conservando os laços de origem e casando-se entre si, criaram

redes de relacionamento e de informação indispensáveis para o exercício do comércio naqueles tempos de comunicações lentas e precárias.

Ainda no final de 2010, um congresso nos Açores tornou possível novo encontro com o senhor Bompard, dessa vez em Lisboa. Juntos, visitamos o Arquivo da Marinha e o Histórico Ultramarino, em busca da data precisa em que Jean-Baptiste partira para o Brasil. Sem sucesso na ocasião, foram as minuciosas pesquisas posteriores do autor, com um domínio cada vez maior do português, que levaram à descoberta. Seis meses mais tarde, coube a Jean-Jacques Bompard refazer o trajeto de seu antepassado para conhecer o Rio de Janeiro em que vivera. Na Biblioteca Nacional, ele pôde então examinar o original manuscrito, na letra do próprio livreiro, do magnífico catálogo de 1825 da loja de Bompard, com mais de quatro mil obras publicadas em diversas línguas, cuja menção, em artigo meu disponível na internet, levou à mensagem eletrônica mencionada no início.¹ Na pequena igreja de Santa Rita, próxima da loja de Jean-Baptiste, seu descendente ainda visitou a sala da irmandade onde Paulo Martin atuara como compromissário nas eleições de 1821 para os deputados às Cortes portuguesas.

Arguto e tenaz, Jean-Jacques Bompard claramente adquiriu, à sua maneira, aquele “gosto do arquivo” de que a historiadora Arlette Farge² tece o elogio! Assim, a cada vez que nos correspondíamos, ele sempre trazia novidades para discutir comigo sobre a vida e o mundo dessas ricas personagens, demonstrando o domínio que passara a ter sobre a pesquisa histórica, graças à qual passou a recolher pistas e dados imprescindíveis para a análise de assunto tão rico.

O resultado de tantos anos de trabalho é o livro que agora se apresenta – *Livreiros do Novo Mundo: De Briançon ao Rio de Janeiro*. Nele, escrito em linguagem simples e direta, o autor procura examinar, com inteligência e exatidão, as diversas facetas do processo de formação do mercado livreiro que se constituiu entre França, Portugal e Brasil desde o final do século XVIII. Desse modo, mais do que simples biografia de Jean-Baptiste, sua principal personagem, o trabalho procura traçar a trajetória desses livreiros do *Novo Mundo* e

¹ Lucia Maria Bastos Pereira das Neves. “João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: Livreiros franceses no Rio de Janeiro, no início do Oitocentos”. *Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História da ANPUH-RJ – História e Biografias*, 2004. Disponível em: <[https://www.google.com.br/#safe=off&q=trajetorias de livreiros no rio de janeiro](https://www.google.com.br/#safe=off&q=trajetorias+de+livreiros+no+rio+de+janeiro)>.

² Arlette Farge. *Le goût de l'archive*. Paris, Seuil, 1989.